

ENSINO COLETIVO NA BANDA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA: PROJETO BAMUF

COLLECTIVE TEACHING IN THE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA WIND BAND: BAMUF PROJECT

Fernandinho Vieira Cruz¹

Universidade Federal de Roraima

Natália Carvalho do Nascimento²

Universidade Federal de Roraima

RESUMO

A Banda de Música da Universidade Federal de Roraima vem sendo formada desde o final do ano de 2022. As estratégias pedagógicas fomentadas estão ligadas à recentes pesquisas sobre o tema e as discussões históricas postas nesse movimento cultural. No presente texto trazemos uma apresentação da formação desta banda e sua consolidação como Projeto de Extensão em uma Universidade Federal; analisamos ainda algumas das estratégias pedagógicas adotadas na perspectiva do ensino coletivo e realizadas durante o ano de 2023. As reflexões apresentadas revelam que, além do desenvolvimento musical percebido, o senso de pertencimento, a atitude de performance musical solidária e o desenvolvimento humano se fizeram presentes em diversos momentos.

Palavras-chave: Banda de Música; Projeto de Extensão; Ensino Musical; Comunidade.

ABSTRACT

The Federal of Roraima University Wind Band has been formed since the end of the year 2022. The pedagogical strategies fostered are linked to recent research on the subject and the historical discussions placed in this cultural movement. In this text we bring a presentation of the formation of this band and its consolidation as an Extension Project in a Federal University; We also analyze some of the pedagogical strategies adopted from the perspective of collective teaching and carried out during the year 2023. The reflections presented reveal that, in addition to the perceived musical development, the sense of belonging, the attitude of solidary musical performance and human development were present in several moments.

Keywords: Wind Band; Extension Project; Music Teaching; Community.

RESUMEN

¹ Doutor em Música pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) 2023. Professor no curso de música da Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, Roraima, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto, Boa Vista, Roraima, Brasil, CEP: 69310-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6985-1095> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0139390653237177>. E-mail: fvccruz@hotmail.com.

² Licencianda em Música pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, Roraima, Brasil. Av. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto, Boa Vista, Roraima, Brasil, CEP: 69310-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-1817-3233> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3421183956124744>. E-mail: natalia_carvalho.rr@gmail.com.

La Banda de Música de La Universidad Federal de Roraima se forma desde finales del año 2022. Las estrategias pedagógicas fomentadas están vinculadas a las investigaciones recientes sobre el tema y a las discusiones históricas situadas en este movimiento cultural. En este texto traemos una presentación de la formación de esta banda y su consolidación como Proyecto de Extensión en una Universidad Federal; También analizamos algunas de las estrategias pedagógicas adoptadas desde la perspectiva de la enseñanza colectiva y llevadas a cabo durante el año 2023. Las reflexiones presentadas revelan que, además del desarrollo musical percibido, el sentido de pertenencia, la actitud de interpretación musical solidaria y el desarrollo humano estuvieron presentes en varios momentos.

Palabras clave: Banda de música; Proyecto de Extensión; Enseñanza de la Música; Comunidad.

ENSINO EM BANDAS

As bandas de música representam relevante espaço de ensino musical no Brasil (Salles, 1985), realidade construída em um longo percurso desde o século XVI (Pereira, 1999). Os desafios enfrentados nesse interim foram diversos como a falta de apoio governamental, o não reconhecimento como espaços de ensino, falta de verba para compra de instrumentos, surgimento de novas tecnologias disputando espaços de vivências musicais etc. Sendo o ensino de música uma das principais estratégias de sobrevivência das bandas, os chamados “mestres de banda” tornaram-se protagonistas ao assumir, entre outras atividades, o ensino de música (teoria, leitura de partituras e prática de instrumentos musicais). Barbosa (1994) aponta esse ensino, intimamente ligado à atuação dos mestres de banda e chamado por ele de ensino tradicional, em três etapas sequenciais: a primeira com aulas de teoria e leitura de partituras; aulas individuais de instrumentos através de métodos tradicionais; e finalmente a inserção dos estudantes nos ensaios e apresentações do grupo. Ressalta-se que nesse modelo de ensino, as duas primeiras fases podem variar com duração de um ano ou mais. Assim, o contato com o instrumento e com o repertório e vivência coletiva coma banda tornavam-se atividades distantes do cotidiano dos estudantes por mais de um ano. Essa realidade se mostra, segundo o autor, bastante desmotivadora e cansativa (Barbosa, 1996).

Com o decorrer do tempo, a pedagogia para o ensino em bandas vem passando por transformações, sobretudo com o surgimento dos métodos coletivos que inaugura novas perspectivas para o ensino coletivo de instrumentos em banda. O primeiro método coletivo para bandas foi publicado nos Estados Unidos no ano de 1923 (Barbosa, 1996). As práticas que se seguiram através do ensino coletivo se mostraram em movimento de aproximação com muitos princípios presentes em muitos dos chamados Métodos Ativos em Educação Musical, igualmente emergentes no início do século XX (Cruz, 2023). No Brasil, ganham visibilidade e relevância as práticas coletivas de ensino de instrumento música desde a transição da primeira para a segunda metade do século (Cruvinel, 2009, 2017). Segundo Cruz (2019), a primeira publicação de um método organizado para o ensino coletivo de banda ocorreu em 1994, pelo pesquisador Joel da

Silva Barbosa com o Da Capo – Método para ensino coletivo ou individual de instrumentos de banda, em sua primeira edição (Barbosa, 1998).

Segundo Barbosa (1996), nos cursos de ensino coletivo o aluno tem contato com o instrumento musical desde o início do aprendizado. Segundo o autor, essa já é uma vantagem em relação ao ensino tradicional que não insere a prática instrumental em sua primeira fase (lembrando que pode perdurar por mais de um ano). Mas, muitas outras vantagens, além de fatores externos ao processo pedagógico, têm influenciado aos próprios mestres de banda a adotarem o ensino coletivo.

Dois fatores têm contribuído para que muitos mestres de banda passassem a usar o ECIM. Um é o fator econômico. O fato da modalidade coletiva poder atender a uma quantidade maior de aprendizes do que a individual faz seu custo ser menor para o financiador. Basta considerar a razão e benefício. O segundo aspecto é a alta qualidade do resultado musical, assim como os benefícios para a formação pessoal e social, que tem sido largamente apresentada nos anais das nove edições do Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (Enecim), nas duas últimas décadas (Barbosa, 2021, p. 20).

Com base no Método Da Capo, observa-se o curso dividido em três fases. De um modo geral, na primeira fase o aluno exercita os princípios básicos de produção do registro médio do instrumentos, trabalha um repertório fácil e aprende divisões musicais simples. Na segunda fase ele aprende notas dos outros registros, trabalha um repertório mais difícil, recebe uma carga maior de exercícios técnicos instrumentais e aprende ritmos e elementos teóricos um pouco mais complexo. E na terceira fase há uma complementação do trabalho das fases anteriores, porém concentrando-se em um repertório de formas, estilos e gêneros mais variados, ritmicamente mais complexos, e mais exigentes quanto as habilidades de se tocar em conjunto (Barbosa 1996, p.02).

Por fim, Barbosa (2021) ainda diferencia a amplitude e base de princípios do ensino coletivo praticado até meados de 1990 e as subsequentes. Na primeira o autor fala do Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM) e na segunda a Educação Musical Coletiva com Instrumentos Musicais (EMUCIM).

Um outro ponto importante para salientar é a diferença entre ECIM e Emucim. Enquanto a primeira sigla pode ser interpretada apenas como ensino de instrumentos realizado coletivamente, o Emucim pressupõe um processo pedagógico coletivo mais amplo da música que faz uso de instrumentos. Além disso, a educação musical trabalha a formação cultural, social, histórica e pessoal do aprendiz (Barbosa, 2021, p. 20).

Resumidamente, e em linhas gerais, assumimos aqui que o processo de ensino nas bandas, segundo a literatura, investigações diversas e a experiência acumulada na prática, pode ser visto por segmentos que vêm se tornando mais flexíveis. Caminham em direção aqueles princípios educacionais ativos já citados e, além disso, a outras visões e transformações ocorridas também nas propostas mais recentes da Educação Musical (Cruz, 2023).

No estado de Roraima, o ensino em bandas vem ganhando espaço a cada dia em espaços socioculturais, escolas públicas entre outros. A Universidade Federal de Roraima também tem contribuído para o crescimento de ensino e aprendizagem no contexto das bandas através do projeto de extensão BAMUF. O projeto se estende à comunidade externa, abrindo a oportunidade de vivenciar o ambiente musical *bandístico* e acadêmico. Porém, os desafios de sobrevivência das bandas não desapareceram, mas vêm passando por transformações que demandam constantes desenvolvimento de estratégias de ensino.

A competição com a internet, instrumentos eletrônicos e as inúmeras opções de atividades da vida moderna poderiam ter decretado o fim das tradicionais bandas de música. Manter as bandas vivas preserva uma tradição, permite que inúmeras pessoas sejam musicalizadas, contribui para a cultura musical e para o desenvolvimento social do nosso povo, sendo que é essencial para esta sobrevivência a constante criação de novos músicos (Silva, 2011, p. 02).

As estratégias de ensino adotadas no Projeto BAMUF, até o momento, foram diversas, e tomam como perspectiva uma pedagogia que vem se mostrando mais alinhada com os desafios contemporâneos no movimento de bandas. Além dos princípios básicos do ensino coletivo em bandas fomentados desde os estudos de Barbosa (1994), outras questões foram levadas em conta no projeto aqui analisado.

Em estudos recentes, Cruz (2019, 2023) aponta que, para além do uso da pedagogia coletiva através dos métodos de prática instrumental simultânea, é preciso atentar-se às potencialidades pedagógicas surgidas no interim histórico de performance que vem construindo uma verdadeira identidade cultural do movimento de bandas. O autor observou um encadeamento entre diferentes situações de atuação e condições específicas de performance articuladas por múltiplas interações socio musicais no ambiente das bandas e a comunidade que a cerca. O autor defende que essa gama de vivências musicais impulsionam o aprendizado nos grupos e, que delas, pode-se extrair subsídios para uma atuação pedagógica em bandas mais contextualizada e efetiva.

Discutiremos neste texto algumas das estratégias tomadas no Projeto BAMUF, subsidiadas pelos estudos de Cruz (2019, 2023), além de literatura de apoio do próprio autor como Barbosa (Barbosa, 1994, 1996, 2021). Em duas partes, faremos primeiro uma breve apresentação histórica do Projeto BAMUF e sua conjuntura no período das aulas sobre as quais refletimos aqui; e na segunda parte, as análises de algumas das estratégias pedagógicas adotadas durante as aulas e ensaios.

O PROJETO BAMUF DA UFRR

As primeiras atividades que deram base para a formação da Banda de Música da Universidade Federal de Roraima, foi a oferta da disciplina optativa “Prática Coletiva de Instrumentos de Sopro” (PCIS) que ocorreu originalmente no ano de 2017 pelo *professor A*. Mais tarde, no segundo semestre de 2022, a disciplina de flauta transversal (FT) foi ofertada pelo *professor B*³ e resultou na formação de grupo com oito componentes que se apresentou em algumas situações. Parte daqueles estudantes continuaram tocando flauta na disciplina de PCIS 1 e 2 (aulas coletivas de flautas, clarinetes, trompetes, trombone e tuba), que voltou a ser ofertada pelo *professor B* em 2023.1; 2023.2 e atualmente 2024.1. A partir de 2023.2⁴, os professores, aqui denominados A e B, passaram a trabalhar em colaboração na formação da banda. O *professor A* ofertando as disciplinas FT e PSIC 1 (a partir de 2023.2); o *professor B* ofertou as disciplinas de PCIS 1 e 2 (2023.1), PCIS 2 e as atividades de ensaio do Projeto de Extensão (apresentado abaixo) em 2023.2 e 2024.1. Aqui nos referiremos de modo mais direto sobre a atuação do *professor B* durante o ano de 2023, esses nos parecem ter sido o momentos cruciais de consolidação da banda de música da Universidade Federal de Roraima.

Desde o início de 2023, os discentes que frequentavam as disciplinas PCS com o *professor B* passaram a convidar amigos e familiares que já tocavam instrumentos de sopro na escola de música da cidade, igrejas e fanfarras das escolas públicas do Estado, etc. para frequentar as aulas. No segundo semestre, o professor A retornando às atividades também ajudou na divulgação e convite a ex-alunos do curso para frequentarem as atividades da banda. Então, com a chegada de estudantes externos à universidade, foi proposto um projeto de extensão executado em 2023. Durante aquele ano, muitos estudantes que já frequentavam as aulas durante a passaram a frequentar, voluntariamente, os ensaios aos sábados e vice-versa. As aulas ocorriam duas vezes durante a semana no horário da tarde e uma aula no sábado de manhã, para uns era viável a participação em todas as aulas, outros não conseguiam conciliar com o horário de trabalho, muitas vezes, optando por estar presentes apenas aos sábados. Assim, a cada ensaio/aula era percebida uma configuração diferente do grupo, mesmo assim o desenvolvimento musical pareceu fluir sem muitos entraves.

³ O professor aqui identificado como Professor B, atuou como substituto nos anos de 2022 e 2023, no primeiro semestre de 2024 foi aprovado em concurso público como efetivo.

⁴ O professor A, estava afastado para formação em 2022 e retornou a atuar no curso de música da Universidade em 2023.2.

Logo, a composição inicial da Banda de Música da Universidade Federal de Roraima contava com: estudantes de escolas públicas, alunos do curso de música, reingressos, estudantes da escola de música estadual. Os níveis de conhecimento musical e técnico instrumental eram desiguais, desde estudantes iniciantes até professores líderes de fanfarras. O grupo contava com a seguinte formação: 3 flautas; 1 sax alto; 3 clarinetes; 4 trompetes; 2 trombones de vara; 1 tuba; 1 bateria; 1 percussionista (Xilofone). É preciso considerar ainda que, nos primeiros semestres, havia uma certa rotatividade nos integrantes da banda e a indicação acima é aproximada com certa variação sobre o que foi percebido da formação do grupo na maior parte do tempo no ano de 2023. A partir do contexto inicial, passamos a analisar algumas estratégias pedagógicas tomadas pelo professor B, de acordo com a literatura com a qual vimos dialogando. Devido a extensão deste texto, selecionamos duas das atividades realizadas como objetos das análises e reflexões aqui apresentadas.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA BAMUF

A primeira atividade que trazemos para análise, foi realizada nos primeiros encontros, denominaremos de “exploração dos instrumentos”. Considerando o grande número de participantes de nível iniciante e que não conheciam os instrumentos de banda, essa atividade se colocou com os objetivos: oportunizar o contato com os instrumentos de banda aos iniciantes; dar protagonismo aos estudantes na escolha dos instrumentos disponíveis; fomentar a socialização dos estudantes mais experientes apoiando os mais novos.

A atividade foi realizada sempre na perspectiva de atividades coletivas, seja envolvendo todos os estudantes na mesma ação ou organizando duplas ou subgrupos por naipes ou instrumentos. Os estudantes puderam explorar os instrumentos em suas partes; montaram e desmontaram; experimentaram a produção sonora nas boquilhas e bocais; tocaram os instrumentos montados; etc. As atividades gerais, envolvendo todos os estudantes na mesma ação, envolveram o uso de gravações de músicas do repertório intencionado para o grupo. Os estudantes executaram células rítmicas do arranjo com percussão corporal, canto e execução de uma ou duas notas nos instrumentos.

A atividade pareceu render muitos benefícios na iniciação do grupo. Além dos objetivos intencionados inicialmente, foi possível perceber o que os estudantes desenvolveram o conhecimento do mecanismo dos instrumentos, embocadura, funcionamento básico, diferentes timbres etc. O fato de as atividades terem sido realizadas sempre na perspectiva da coletividade

também pareceu colaborar de modo efetivo para o desenvolvimento dos estudantes e do grupo de modo geral. Segundo Barbosa (1996, p. 03), o ensino coletivo gera um certo entusiasmo no aluno por fazê-lo sentir-se parte de um grupo, facilita o aprendizado dos alunos menos talentosos, causa uma competição saudável entre os alunos em busca sua posição musical no grupo, desenvolve as habilidades de se tocar em conjunto desde o início do aprendizado, e proporciona um contato exemplar de se tocar em conjunto desde o início do aprendizado, proporciona um contato exemplar com as diferentes texturas e formas.

Outra atividade que trazemos é a atividade de “repetição de trechos difíceis”. Os objetivos foram: compreender o trecho de difícil execução de modo contextualizado aos trechos anterior e posterior; aprimorar a execução instrumental; memorizar o trecho diminuindo a dependência da partitura; relacionar a técnica instrumental a questões outras como dinâmica, fluência da frase, articulações etc.

A execução dessa atividade ocorreu em um trecho de ritornelo da música *Another Brick in The Wall*. A dificuldade dos músicos era exatamente em retornar no compasso correto. Então, o professor solicitou que todos tocassem repetidamente desde dois compassos antes do trecho de transição e continuasse tocando por três compassos após o retorno. Esse trecho abrangia o início de uma frase, a transição para outra e seguia até o final dessa segunda frase. Isso foi repetido como uma forma de *looping* ininterrupto, manteve-se o ritmo contínuo também com a percussão. As repetições foram executadas: em andamento lento primeiro: depois acelerando e andamento rápido; diferentes dinâmicas foram exploradas; as articulações eram constantemente corrigidas pelo professor com indicação gestual na regência e falas curtas; além disso, no final, todos foram convidados a fecharem as pastas de partituras e tocarem de memória.

Os objetivos parecem ter sido atingidos, pois ao final da atividade o trecho estava sendo executado sem erros, ou seja, a questão da execução instrumental foi resolvida. A sincronia entre os naipes também pareceu melhorar. Os diferentes andamentos e as execuções sem partituras ocorreram sem dificuldades o que nos leva a concluir que a compreensão dos trechos anteriores e àquele no qual estavam ocorrendo os erros, tiveram papel relevante na resolução do problema.

Nessa atividade, foi percebida, no entanto, uma dificuldade específica quanto ao controle das dinâmicas. Isso ocorreu principalmente entre os naipes de metais que continuava tocando mais forte do que o solicitado pelo professor. Isso pode ser em função da própria

natureza dos instrumentos, e também pelo hábito dos alunos de metais tocarem em fanfarras nos desfiles, locais abertos e competições. Segundo Cruz (2021, p. 05), compreender os diferentes contextos de atuação dos estudantes de bandas pode ser uma forma de dar subsídio para uma prática pedagógica mais efetiva.

[...] O longo percurso das bandas vem imprimindo em sua identidade diferentes vetores que resultam numa multiplicidade de características, tipos de bandas, estilos de repertórios e práticas musicais. De modo sucinto, esses vetores que perpassam a identidade das bandas estão postos em sua interação com diferentes segmentos da sociedade como o campo religioso (Duprat, 1968, 2009), entretenimento e festas populares (Lange, 1997; Schwarcz, 1998), com o militarismo e suas relações simbólicas de poder (BINDER, 2006; Herbert, 2013), transformações tecnológicas (Souza, 2009) e também o campo educacional (Barbosa, 2009; Benedito, 2011; Moreira, 2007). Além disso o forte senso de pertencimento às comunidades as quais as bandas residem, reafirmam a capacidade de se adaptar e retratar aos contextos culturais locais onde atuam (Cruz, 2020), (CRUZ, 2021, p. 5, 6).

Ao tomar ciência da atuação de alguns dos estudantes da banda em outros grupos, de diferentes formas de atuação, o professor explicava como deveriam buscar o equilíbrio sonoro no grupo e associava às atitudes de ouvir os naipes durante as atividades de repetição. Aos poucos, os naipes foram se adaptando uns aos outros e ao contexto geral da banda e daquela situação de performance em um salão fechado com forte reverberação sonora. Vale ressaltar as experiências aderido ao longo das aulas, pode-se concluir que habilidades básicas, como desenvolver atenção ao regente, ouvir cada naipe e cada integrante, são essenciais para um fazer musical fluido e efetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar as reflexões aqui apresentadas, destacamos que a condução do regente acerca das aulas e o quanto os estudantes estão abertos aos desafios postos são fatores determinantes. Isso apareceu de modo claro nas variações de execuções dos trechos nas atividades propostas. O partilhar de conhecimento entre os músicos experientes e mais novatos, sobretudo na atividade de exploração instrumental, tornou o aprendizado diversificado. É preciso considerar que, muitas vezes, entre estudantes o compartilhamento de conhecimentos ocorre por uma perspectiva mais aproximada e naturalmente mais horizontal. Isso pode auxiliar em perspectivas diversificadas e mais sugestivamente significativas aos estudantes. Assim, o equilíbrio entre os naipes se mostrou ir além das questões musicais, ouvir os companheiros e considerar que a música é uma atividade partilhada pareceu fundamental na compreensão e superação de trechos difíceis. A presença do repertório desde o início também foi uma forma dos alunos se sentirem mais motivados. Com isso, soma-se que a resolução de um trecho mais complexo, também diz respeito a uma prática criativa,

consciente e solidária. Isso reforçou o aperfeiçoamento coletivo, aprimoramento do grupo. Além disso, a melhora apareceu tanto na técnica quanto na musicalidade de cada integrante, cada naipe e do grupo todo.

Por fim, o ensino e aprendizagem em bandas de músicas está além de segmentos metodológicos, é sobre se reinventar a cada dia no processo como educador e estudante; é saber que a cada aula surgem novos conhecimentos, desafios e possibilidades de resolvê-los. É preciso considerar que todos os alunos estão em momentos diferentes de seus processos de aprendizado no instrumento e cada um encontrará o seu próprio caminho contextualizado do todo. Durante todo o processo acompanhado das aulas pôde-se perceber que a prática musical na banda está além de tocar um instrumento em um grupo, é sobre fazer parte de uma comunidade. Assim, a coletividade nas atividades gerais e naquelas realizadas em duplas ou pequenos subgrupos, foram essenciais como perspectiva de desenvolvimento musical e humano. Desta forma para um ensino coletivo evoluir é necessário que o educador seja capaz de levar em consideração as dificuldades, opiniões, compreensão, e reconhecer que não depende apenas do professor para alcançar os objetivos traçados para tal semestre; é preciso pôr os alunos em primeiro lugar em todo o processo. Vale destacar que a pedagogia coletiva como apresentada por Barbosa (1994) têm grande proximidade com as metodologias que pensam a educação musical inserida num projeto de formação integral do sujeito como defende Cruz (2023). Ou seja, é possível alcançar para além da formação de músicos instrumentistas, formação do sujeito de pessoas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joel Luis. **An Adaptation of American Band Instruction Methods to Brazilian Music Education, Using Brazilian Melodies**. Tese de doutorado. University of Washington: Washington, 1994.

BARBOSA, Joel Luis. Considerando a Viabilidade de Inserir Música Instrumental no Ensino de Primeiro Grau. **Revista da ABEM**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 39–50, 1996. Disponível em: http://www.abemeducaomusical.com.br/revista_abem/ed3/revista3_artigo3.pdf.

BARBOSA, Joel Luis. **DA CAPO Método Elementar Para o Ensino Coletivo ou Individual de Instrumentos de Banda**. Belém/PA: Fundação Carlos Gomes, 1998.

BARBOSA, Joel Luis. Tradição e inovação em bandas de música. *In:* (Mary Angela Biason, Org.) ANAIS DO I SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA BANDAS DE MÚSICA NO BRASIL 2009, Ouro Preto/MG. **Anais [...]**. Ouro Preto/MG: Museu da Inconfidência, 2009. p. 65–74.

BARBOSA, Joel Luis. Novas práticas pedagógicas para sociedades filarmônicas. *In:* FERNANDES, Taiane; OLIVEIRA, Gisele (org.). **Refletir as sociedades filarmônicas da**

Bahia: desafios en ovos caminhos. Salvador/BA: EDUFBA, 2021. p. 15–32.

BENEDITO, Celso José Rodrigues. **O mestre da filarmônica da Bahia: um educador musical.** 2011. Universidade Federal da Bahia, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9101>.

BINDER, Fernando. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889.** 2006. Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2006.

CRUVINEL, Flavia Maria. O Ensino Coletivo De Instrumento Musical Como Alternativa Metodológica Na Educação Básica. *In:* RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira;; ALCÂNTARA, Luz Marina De (org.). **O ensino de música: desafios e possibilidades contemporâneas.** Goiânia/GO.

CRUVINEL, Flavia Maria. Ensino Coletivo de Instrumento Musical como Educação Popular: alguns apontamentos. *In:* LOPES, Eduardo (org.). **Tópicos De Pesquisa Para a Aprendizagem Do Instrumento Musical.** Goiânia/GO: Editora Kelps, 2017. p. 234–251. Disponível em: www.kelps.com.br.

CRUZ, Fernando Vieira Da. **A (Re)Construção da Banda de Música: Repertório e Ensino.** 2019. Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, BR, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/333950>.

CRUZ, Fernando Vieira Da. Banda de Música e Identidade Cultural. *In:* **Estudos Latino-Americanos Sobre Música.** Editora Ar ed. [s.l: s.n.]. v. 1p. 159–170. DOI: 10.37572/EdArt_149100920. Disponível em: <https://www.editoraartemis.com.br/artigo/31815/>.

CRUZ, Fernando Vieira Da. BANDAS DE MÚSICA COMO ESPAÇOS DE ENSINO MUSICAL. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 113–126, 2021. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/9980/5665>.

CRUZ, Fernando Vieira Da. **BANDAS DE MÚSICA E SEUS ENSINOS: PARADIGMAS EM MOVIMENTO.** 2023. Unicamp, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1345998?guid=1693836884981&returnUrl=%2Fresultado%2Flistar%3Fguid%3D1693836884981%26quantidadePaginas%3D1%26codigoRegistro%3D1345998%231345998&i=2>.

DUPRAT, Régis. Música na matriz de São Paulo Colonial. **Revista de história**, [S. l.], v. 37, n. 75, p. 85–103, 1968. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1968.128465>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128465>.

DUPRAT, Régis. Uma pesquisa sobre a Música Popular Brasileira do século XIX. *In:* (Mary Angela Biason, Org.) ANAIS DO I SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA: BANDAS DE MÚSICA NO BRASIL. 2009, Ouro Preto/MG. **Anais [...].** Ouro Preto/MG: Museu da Inconfidência, 2009. p. 32–39.

HERBERT, Trevor. Brass and Military Bands in Britain – Performance Domains, the Factors that construct them and their Influence. *In:* REILY, Suzel Ana; BRUCHER, Katherine (org.). **Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making.** Surrey:

Ashgate Publishing Company, 2013. p. 33–54.

LANGE, Francisco Curt. Las bandas de música en el Brasil. **Revista musical chilena**, [S. l.], v. 51, n. 187, p. 27–36, 1997. DOI: 10.4067/s0716-27901997018700003. Disponível em: <https://revistamusicalchilena.uchile.cl/index.php/RMCH/article/view/13049>.

MOREIRA, Marcos dos Santos. **ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E PEDAGÓGICOS NAS FILARMÔNICAS DO DIVINO E NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DO ESTADO DE SERGIPE**. 2007. Universidade Federal da Bahia, [S. l.], 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9134>.

PEREIRA, JOSÉ ANTONIO. **A Banda de Música: retratos sonoros brasileiros**. 1999. Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 1999.

SALLES, Vicente. **Sociedades de Euterpe As bandas de música no Grão-Pará**. Edição do ed. Brasília/DF: Gene Gráfica Editora, 1985.

SCHWARCZ, Liliam Moritz. **As Barbas do imperador, D. Pedro II: um Monarca dos Trópicos**. 2. ed. São Paulo/SP: EDITORA SCHWARCZ, 1998.

SILVA, Lélío Eduardo Alves Da. O Ensaio-aula: uma proposta de metodologia de ensaio para banda de música. **Revista do Conservatório de Música da UFPel**, [S. l.], n. 4, p. 127–161, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2473/2309>.

SOUZA, DAVID PEREIRA DE. **As gravações históricas da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (1902-1927): valsas, polcas e dobrados**. 2009. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, [S. l.], 2009.

Submetido em: 04 de jun de 2024.

Aprovado em: 18 de jul de 2024.

Publicado em: 30 de agos de 2024